

Maria Fortuna

Chamava-se Maria Fortuna e era mendiga, mas provavelmente nunca se deu conta daquela diferença entre o nome que carregava e a sua própria sorte, aceitava com suave resignação mas sem virtude aquela sina de comer o pão-de-cada-dia, esmolando às portas das casas. E era silenciosa, estimada, quase alegre, estimulada por aquela pobreza mental maior do que a outra.

Chegara na cidade feito guia de uma tia cega, vinha do mato — devia ter treze pra quatorze anos, segundo seus cálculos. Depois, com a morte da tia, andou se empregando, mas estava tão despreparada para os trabalhos domésticos, habituada àquele viver errante sem grandes proveitos mas sem fortes compromissos, que depressa as patroas se impacientavam, acusavam-na de preguiçosa, de incapaz, ignorante e uma delas chegou a fazer-lhe a ofensa maior, chamou-a de “cunhã sem-vergonha”. À proporção que se ia desiludindo das lidas caseiras, Fortuna se prostituía clandestinamente, até que, resolvida a estabelecer-se na antiga profissão de meretriz, emigrou para Camocim e aí, como ela própria conta, adoçando um pouco o nome do velho ofício, tornou-se “alegrete”.

Fortuna, já velha, falava desta quadra sem nenhum remorso, antes com nostalgia — e ainda buscava uma

reaflirmação no antigo prestígio lembrando que fora sempre muito festejada pela gente alta, pelos oficiais de bordo, os comandantes de navio que lhe traziam ricas prendas de outras terras — e acrescentava com alguma dignidade que não se dera nunca a sarandaiadas com marinheiros sem galão.

Isto tudo Maria confessava com bastante pureza, como quem fala de profissão honesta, pois o vôo curto da inteligência não alcançava diferenças morais e sociais, mesmo porque não tivera formação de nenhuma ordem, tão cedo atingida pela orfandade completa, entregue àquela tia mendiga que a utilizava como seus olhos, na luta pela sobrevivência. Mas foi sempre de natureza boa, não se queixava, não resmungava contra nada, como se aquela escola de vagabundagem e de paciência ao tempo da cega lhe tivesse dado, em compensação, a sabença de aceitar a vida.

Quando lhe perguntaram se dantes nunca tivera desejo de se regenerar, de voltar à Igreja, de abandonar definitivamente o pecado, Maria Fortuna informou que sim, que um tempo apareceram lá uns frades, nos trabalhos das Santas Missões, pregando, apontando erros, mostrando o caminho de Deus, advertindo contra as penas do inferno. Então se animou, ela mais outra — e lá se foram lavar a alma no confessionário e pedir perdão dos seus pecados.

Mas aí aconteceu o que não estava previsto nem da parte dela, nem da outra, pois o santo homem de Deus depois de ouvi-las, perguntou se estavam realmente arrependidas e dispostas a deixar a má vida. Foram ambas muito sinceras, disseram que não. E assim ficaram sem o perdão e sem a santa bênção.

A senhora que ouvia toda esta estória reprovou com muito atraso aquela remota atitude, indagou porque não se servira da ocasião para entrar no seio da Igreja, que aquilo não era coisa que ela tivesse feito, que uma palavra sua, de humildade e de arrependimento diante dos

seus pecados, àquele tempo, teria milhões de vezes mais valor do que o resto da vida de penitência, durante a velhice irremediável.

Maria Fortuna ainda uma vez muito espontânea, tomou-se de súbita dignidade ofendida: — Ora, se a gente ia deixar! Ora esta!... Raparigas novas!

E riu um surpreendente riso de ingenuidade e de gozo.

O certo é que Fortuna seguiu em tudo o figurino clássico da mulher decaída que recebe o seu castigo aqui mesmo em cima do chão, que acaba sem nada de seu, tendo de pedir esmolas (no seu caso, tendo de voltar à mendicância) — se não quisesse morrer de fome.

Mas antes de cair naquela aposentadoria compulsória não remunerada, Maria teve seus dias de relativa felicidade, pois, ao final da carreira, lhe ocorreu um certo senhor moreno (um véio moreno como ela dizia), que enviuvando se agradou dela e achou que podiam somar as solidões e podiam se amparar mutuamente e ter um sossegado fim de vida.

O homem era de fora, quase preto, não tinha grandes compromissos com a cidade, podia dar-se àquele desfrute de instalar-se ostensivamente com Maria Fortuna e alugou uma casinha de beira de praia, uma casa de nada, é verdade, mas com os trechos indispensáveis a um padrão de vida acima daquela miséria em que ela já se iniciava.

Apesar de não se tratar duma união por casamento, as pessoas que conheciam Maria se rejubilaram com aquela derradeira oportunidade sabiamente explorada, ficaram sobretudo edificadas porque, numa manhã de domingo, viram Maria Fortuna de vestidinho novo encaminhar-se à igreja, a assistir à missa das nove.

E várias vezes foi vista com o dito Véio Moreno a fazer compras no mercado, na certa sendo instruída no mister de fazer a feira, que ela nunca conhecera, porque, a bem dizer, se encontrara sempre na posição de inqui-

lina, de hóspede, que, à hora da bóia, recebia, bom ou ruim, seu bocado já pronto.

Corria tudo muito bonitinho, quando o inesperado aconteceu (ó inconstante, imprevisível, irrecuperável Maria Fortuna). Deu-se que o Véio Moreno chegou em casa mais cedo, uma certa tarde, e encontrou lá instalado, feito um pachá, um embarcação velhote, antigo amor de Maria Fortuna.

Claro que foi expulsa imediatamente, como nas novelas e nos tangos e nos boleros — e dali mesmo entrou para a condição de pedinte, pois de noitinha o embarcação voltou ao mar. E foi assim como mendiga, mas sem ranço, que a morte a encontrou, alguns anos depois.